

# A coragem da desesperança: crônicas de um ano em que agimos perigosamente

de Slavoj Žižek

## O desprezo eurocêntrico pelo anti-imperialismo

### The Eurocentric Contempt for Anti-Imperialism

por Roberto Bitencourt da Silva\*\*

Quando as sondagens eleitorais revelavam a possibilidade de Jair Bolsonaro sagrar-se exitoso, a reação dos setores progressistas – não só, mas principalmente sintonizados com o petismo – foi bradar a condição de resistência. Agir prontamente e ocupar as ruas, para expressar repúdio ao político reacionário e entreguista, consistiram em apelos recorrentes durante o pleito e os primeiros dias do novo governo.

De fato, poucas foram as iniciativas mobilizatórias promovidas durante esse intervalo de tempo. Em todo caso, elas reverberaram uma angústia por ação, em elevada medida convergente com o que ocorreu nos Estados Unidos, na esteira da ascensão eleitoral de Donald Trump. A perplexidade prevaleceu em ambos os países, em seus respectivos campos políticos progressistas.

O filósofo esloveno Slavoj Žižek, ao analisar o perfil de atuação e o esquema de percepção da esquerda liberal estadunidense, oferece uma descrição que se assemelha ao que veio a acontecer no Brasil. De modo oportuno, classifica esse comportamento político como portador de um “ativismo cego”, capaz de “se tornar um meio para evitar um exame autocrítico sobre como Trump pode ter acontecido” (p.330-1).

---

\* Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2019.

\*\* Doutor em História. Professor da Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (FAETERJ-Petrópolis/FAETEC), Petrópolis-RJ, Brasil. Ed. eletrônico: betobitencourt@hotmail.com

O autor assinala outra atitude, que identifica como “autodestrutiva” para a esquerda dos EUA: “A fascinação arrogante com a estupidez dos eleitores comuns, que não perceberam que estavam votando contra seus próprios interesses” (p.329). Em nosso país, tal “fascinação” é evidente e traduz-se no uso da depreciativa categoria do “Pobre de direita”, cuja circulação nas mídias sociais está naturalizada.

Malgrado as singularidades que caracterizam as diferentes realidades sociais, econômicas, culturais e políticas, dos dois países, a necessidade atribuída por Žižek ao exercício da autocrítica, à revisão das escolhas e das categorias de interpretação que norteiam o imaginário e a ação da esquerda estadunidense, também é válida e aplicável ao universo das esquerdas brasileiras.

Diagnósticos honestos e propostas claras importam. Agir, pensar e intervir sob o condicionamento das conveniências, recortando a realidade ao sabor da satisfação da identidade, das visões superadas e do ego, para nada serve. Lá nos *esteites*, como cá, as esquerdas precisam rever as suas decisões e prioridades, orientar ações em torno de lutas anticapitalistas, anti-*establishment*, politizando a economia, incorporando as bandeiras culturais e identitárias, mas sem torná-las carro-chefe da agenda. Eis o que a perspectiva do autor nos proporciona como fonte de inspiração.

Tomando a derrota da esquerda liberal para Trump como epifenômeno da aridez do nosso tempo, o livro *A coragem da desesperança* opera com a tese de que “não há alternativa claramente discernível” (p.10) ao capitalismo e à subsunção da democracia aos imperativos dos negócios. Aceitar a dura realidade de que não há saída entre as convencionais experiências e escolhas políticas acomodadas ao sistema capitalista mundial, é o ponto de partida para a mudança: somente um “comunismo reinventado pode devolver à teoria sua força emancipatória” (p.20).

O sentido de urgência revolucionária é anunciado por uma tese cuja ideia subjacente é a de que a única “luz no fim do túnel” corresponde a de um “trem vindo de encontro a nós” (p.10). Uma visão instigante. Todavia, os argumentos e exemplos mobilizados -significativamente circunscritos às peculiaridades do Ocidente, sobretudo à tessitura social europeia- não propiciam força de convencimento para encetar reflexões e iniciativas direcionadas à superação da ordem estabelecida.

Não são poucas as referências feitas por Žižek à crescente importância adquirida por uma “direita populista” na Europa e nos EUA, que tende a constituir-se na principal “força política em defesa da proteção dos interesses das classes trabalhadoras” (p.282); direita eventualmente dotada de propostas “anti-austeridade”, em articulação com reclamos por “ordem e segurança” contra a imigração (p.15). Porém, a aceitação dessa opção conservadora de integração e

proteção social retira coerência da abordagem da obra, pois acentua condições de sobrevivência para o recurso de adaptação das classes trabalhadoras europeias ao capitalismo global.

Não se trata de uma contradição trivial: toda a reflexão desenvolvida em *A Coragem...* tem como pressuposto um pretensão potencial mundialmente transformador do “legado emancipatório europeu” (p.35). Ademais, Žižek considera que a Europa, “espremida entre os Estados Unidos e a Rússia”, terá de “se reinventar ou morrer. Nos anos futuros, o grande campo de batalha estará na Europa” (p.349). É precisamente o eurocentrismo que embota a sua capacidade de mapear potencialidades transformadoras, gestadas pela polarização internacional entre os Estados, decorrente da lógica sistêmica desigual e combinada do capitalismo.

A inexistência de alternativas dentro do sistema verifica-se, notadamente, nos países que abrigam a maioria da Humanidade, isto é, as nações periféricas, semiperiféricas e dependentes do capitalismo, como o Brasil. São detentoras de recursos naturais submetidos à ampla exploração predatória. Com a latente ameaça do seu esgotamento, associado ao fenômeno da mudança climática, o controle exclusivo de tais recursos decisivos é motivo de práticas imperialistas -violentas ou sutis- engendradas pelas potências capitalistas centrais.

Como sublinha o sociólogo italiano Domenico Losurdo, o “recalque do imperialismo” é traço marcante no marxismo de Žižek. Em diferentes passagens do livro, fica claro um desdém pelas ações e restrições a que são submetidos os povos do que outrora chamava-se Terceiro Mundo. Žižek chega a alegar que “estamos cansados das histórias conflitantes sobre Cuba” (p.117), desvalorizando e acenando redundar a experiência da gloriosa ilha caribenha em sacrifício inócuo.

Na contramão, confere um caráter apologético ao Syriza, a despeito da sua submissão às exigências e chantagens da Troika. O governo de esquerda da Grécia, sem mais, é interpretado como a representação da “solidariedade universal”. Para o autor, a opção pela ruptura com a União Europeia (um “Grexit”) conformaria um esforço de abnegação infrutífero (p.89-90). O semi-isolamento a que tende a ser enfrentado por todo país dissonante do sistema – como, de hábito, ocorre no Sul global – é descartado no seu cardápio de sugestões radicais.

A imperiosa transformação global passa pela vontade e o engenho político criativo dos “condenados da terra”. Ao contrário do que preconiza o filósofo, é o Sul do planeta, particularmente os seus proletários e estratos médios, a que se pode indicar o papel de agente potencial da mudança. Nesta região não existem opções: a barbárie do colonialismo só se expande. Por seu turno, Žižek defende a ideia de que “as nações-Estado isoladamente não são capazes de realizar a tarefa” transformadora; apenas “uma nova política internacional” conseguiria.

Uma premissa que margeia o imobilismo, a paralisia decisória das classes trabalhadoras e dos povos oprimidos. Corteja o que o próprio autor questiona como “espírito da capitulação” (p.120).

Agir assumindo o ônus do que o economista egípcio Samir Amin classifica como “desconexão”. Isto é, a ruptura com fóruns, normas e relações internacionais que subjugam os países (semi)periféricos, lidando com sabotagens e sanções imperialistas. Passo audacioso e difícilíssimo, mas incontornável para que se criem fissuras e se processem mudanças no capitalismo global. Passo assentado em princípios anti-imperialistas e não eurocêntricos, mas ausentes do pensamento de Žižek.